

SUBJETIVIDADE E VIAGEM EM MARIA GRAHAM

Margareth de Almeida Gonçalves
UFRRJ

Esta apresentação procura examinar as memórias escritas por Maria Graham¹ — talvez a mais célebre das viajantes que estiveram no Brasil na primeira metade do século XIX — nos últimos anos de vida, como exemplo de um modelo de narrativa que projeta o sujeito como laboratório de experiências únicas e encontra na viagem a melhor metáfora de afirmação da identidade feminina. Através da organização e seleção das lembranças de infância e juventude Maria Graham indica a modelação de uma subjetividade em que as relações de gênero e poder impõem contornos indeléveis.

A primeira visita de Maria ao Rio de Janeiro foi em 1821 a bordo da fragata *Dóris* comandada por seu marido Thomas Graham, capitão da Marinha Real inglesa, que veio a falecer em abril de 1822 na travessia do Cabo de Horn, quando estavam a caminho do Chile. Após um ano, já na condição de viúva, retornou ao Rio de Janeiro e manteve estreito contato com a família real, em especial com a Imperatriz dona Leopoldina, no curto período em que viveu no palácio como tutora da princesa d. Maria da Glória, futura rainha de Portugal.

Maria Graham fez parte de uma geração que acompanhou a emergência de uma nova época na Inglaterra. As transformações que atingiram a sociedade inglesa, durante as últimas décadas do século XVIII e ao longo do seguinte, criaram as condições de crescimento econômico e de consolidação da cultura burguesa que culminaram na construção do Império. Nesse processo, novos atores sociais surgiram, as imponentes classes médias, que se tornaram o ícone das realizações de riqueza intelectual e cultural da

¹ A publicação de sua autobiografia ocorreu após sua morte e foi organizada por Rosamund Brunel Gotch, sobrinha neta do segundo marido de Maria Graham. Ver Rosamund Brunel Gotch, *Maria Lady Callcott. the creator of "LittleArthur"*. London, John Murray, 1937.

nova civilização. Visto da perspectiva do historiador *whig* Thomas Babington Macaulay a história da Inglaterra no oitocentos é assinalada pela pujança física, moral e intelectual.²

Foi no cenário de uma Inglaterra em ritmo de industrialização, com a crescente percepção do indivíduo como valor, na acepção de Louis Dumont, em que os atributos de escolaridade, erudição e cosmopolitismo tenderam à disseminação, que viveu Maria Graham. Viajante-escritora conhecida no Brasil através do *Diário de uma Viagem ao Brasil*, editado na Inglaterra em 1824, e pelo público inglês como Maria Callcott — sobrenome de seu segundo marido, o pintor de paisagens Augustus Wall Callcott (1779-1844) —, a autora do livro de história infantil *Little Arthur's History of England*, publicado em 1835. Maria nasceu em Papcastle, uma cidade portuária de Cockermouth, no norte da Inglaterra em Cumberland, em 19 de julho de 1785.

Nos últimos anos de vida, Maria, presa ao leito em consequência do agravamento dos sintomas da tuberculose, ditou em narrativa autobiográfica as lembranças da infância e juventude, até os 21 anos, à amiga Caroline Fox. “Reminiscências”, expressão que utiliza para sua narrativa, foram redigidas no período de 1836 a 1842, interrompidas por sua morte. Um relato autobiográfico de uma mulher aos 50 anos que revê sua vida nos seus 20 anos iniciais. Na época, como Maria Callcott, residia na região de Kensington em Londres.

Maria apresenta o exemplo do paradigma romântico na formação do indivíduo, em que a busca por uma experiência do absoluto, encontra na viagem a oportunidade de transformação interior. Deste modo, autobiografia e viagem combinam-se nessa projeção do sujeito para a descoberta do mundo, capaz de produzir uma inflexão interna. Viagens: pelo mundo e pelas profundezas do eu se fundem na afirmação de uma individualidade singular.

No relato romântico, a afirmação do *self* conduz a uma valorização da experiência individual na busca da infinitude e da transcendência. Portanto, na formação da individualidade, a s

² "The history of our country during the last hundred and sixty years is eminently the history of physical, of moral, and of intellectual improvement" Citado em Asa Briggs. *The Age of Improvement*. London/New York/Toronto, Longmas, Green and CO, 1959, p.2.

experiências da infância revelam a psicologia do futuro adulto. O relato autobiográfico de Maria Graham destaca aspectos de sua educação na infância que consideramos centrais na modelagem de sua personalidade. A narrativa sobre essa fase da vida é detalhada e minuciosa.

Maria foi a mais velha de quatro filhos, dois caçóis, de um oficial do almirantado britânico, George Dundas, e de uma americana da Virginia, que perdera o pai no início da guerra de independência dos Estados Unidos e encontrara refúgio com parentes na Inglaterra, em Liverpool, e a quem se refere carinhosamente pelo nome de Miss Thomson³. Quando ainda criança, a pequena Maria Dundas sofreu sério acidente, em que queimou parte de seu cabelo. Inadvertidamente, caíra de costas, com a cabeça no fogo. O hábito que veio a adquirir de cobrir a cabeça com um turbante ou chapéu esteve indubitavelmente ligado a esse acidente. Esta foi uma das características do seu estilo de vestir como revelam todos os seus retratos⁴.

Maria Graham é sem sombra de dúvidas um bom exemplo da importância privilegiada da educação na concepção moderna de individualidade na ordem burguesa, que cada vez mais dedicava um lugar especial à criança, como extensamente analisado por Philippe Ariès. Já no setecentos, a figura da mulher como mãe e educadora dos filhos emergia no cenário inglês como um dos principais atributos da mulher. Com Maria não foi diferente. Destaca em suas reminiscências a marcante presença materna na fase inicial do seu processo educativo. Maria aprendeu a ler com a mãe através da Bíblia e de Shakespeare, indicando uma formação que se esmerava por combinar religiosidade e erudição.

³ 'My mother was a Miss Thomson, known in Liverpool and its neighbourhood by the name of the 'Virginian Nightingale', because she was born in Virginia and was remarkable, not only for her beauty, but the sweetness of her voice. Her father was one of the first men who perished at the beginning of the American War, and her mother, with several female relations, took refuge in Liverpool.' Ver Rosamund Brunel Gotch, *op.cit.*, p. 7.

⁴ "Perhaps this accident accounts for the fact that every portrait, at whatever period of her life, shows her wearing a turban or close cap. And a cryptic sentence in a letter to John Murray (September 23, 1821) appears to bear out the theory. "...I have scarce time even to put on my cap, and that you know must be done ask Mrs Murray else." *Idem*, nota 1, p. 8. Os retratos de Maria Graham pintados por Sir Thomas Lawrence em 1819, e anos mais tarde por Sir Augustus Callcott, mostram um turbante modelando sua cabeça.

Na idade de sete anos, seu pai, que como homem do mar estava geralmente ausente de casa, retornou e a levou para estudar longe de onde residiam, mais ao sul da Inglaterra, em Draydon, Abingdon, perto de Oxford. Sua mãe que, segundo as lembranças de Maria, se encontrava num estado de saúde declinante, morreu pouco tempo após sua partida.

A saída de casa corre spondeu, entretanto, a descoberta quase traumática do espaço cosmopolita da cidade grande. Maria lembra em suas memórias quando, no caminho para a nova escola, de sua primeira passagem por Londres, lugar em que familiares residiam, em que descobriu a frugalidade da moda e da vaidade feminina e que foram por ela, uma criança acostumada ao desleixo das roupas confortáveis de brincadeiras infantis, percebidas como ameaçadoras. Os novos modelos de vestido e chapéu pareceram à menina de 7 anos pouco cômodos, e com lástima reconhecia o enorme constrangimento que a moda impunha.

"The new frocks that I had been told in Liverpool were quite the fashion, my new great coat, and above all my purple beaver hat with a steel buckle in front, were all pronounced unfit to wear, and I was hurried off to a warehouse, where, in the course of a single day, I was completely metamorphosed. Why should I mention sleeves that just turned the elbow with robins to them! or the elegance of a dimity cloak with muslin trimmings! and a straw bonnet with green ribbons! which, however charming in the eyes of others, did by no means to me make up for the warmth of my good great coat and beaver hat! This was my first, but by no means my last suffering in the cause of fashion, and created in me such a dislike of dress and finery as required years to overcome."⁵

O seu primeiro contato com a fatuidade da moda levou anos, comenta Maria, a ser superada e que descolasse, enfim, um prazer com roupas e adereços vinculado ao universo feminino. Essa recordação, tantos anos mais tarde, indica o lugar secundário atribuído por Maria ao mundo da moda e manifesta sua resistência e divergência quanto aos espaços sociais reservados à mulher. O traço feminista de sua personalidade constituiu mais um dos elementos formadores de uma subjetividade incomum, que aceita as

⁵ *Idem*, p. 17.

características singulares da individualidade, longamente trabalhada pelas leituras incessantes.

Desde pequena, embora relate que fosse considerada levada — recebeu o apelido de *tiger* na escola, pelo seu temperamento briguento com outras crianças — foi, todavia, curiosa sobre o mundo fora da Inglaterra e lia intensamente. Através de sua educação em Drayton descobriu crescentemente o contentamento na descoberta da Antiguidade grega através da leitura da *Ilíada* e *Odisséia*, e posteriormente em Gibbon, em *Decline and Fall*, mergulhou no Império Romano. Acrescentava-se, ainda, o seu encanto pela poesia com Shakespeare e Milton, Corneille e Dante. A escrita de Maria elege as referências literárias e históricas que compõem a inscrição da sua formação educativa na tradição ocidental. Aos nove anos, Maria devorava livros, descobrindo através da leitura todo um elenco de sensações que preenchiam seus dias na escola em Abingdon. Combinava, então, a nostalgia da vida familiar com os desdobramentos de prazeres infinitos que encontrava na literatura. O universo da viagem impregna a sua lembrança da figura paterna, a ausência-presença que a joga no movimento do deslocamento pelo espaço e tempo. Esse pai que a dia o seu sempre distante retorno é lembrado no exemplo do eterno viajante da Antiguidade, primeiro através de Enéas, personagem virgiliano em *Eneida*, fundador de Roma, que Maria logo abandona frente à descoberta cheia de encantos e inspiração únicos dos tempos homéricos. *Ilíada* e Aquiles lembram o mar e seu irmão na cidade da infância Drayton, a praia o ponto de permanentes emoções de chegada e partida. E no ápice da narrativa, Ulisses confunde-se com a imagem do pai, esse homem do mar, que só voltaria a encontrar anos mais tarde— Maria permaneceu sem ver o pai por dez anos, entre os 8 e 18 anos.

“How tame Virgil's story now began to appear to me compared with the stirring spirit of the 'Iliad'! And the scene was laid by the sea which I had so much longed once again to behold! I imagined the tent of Achilles to be pitched on just such a place amongst the sand hills that I played in with my brother. The long, long sound of the waves upon the beach, and the deep blue color of the water were again restored

to me. I devoured rather than read thee 'Iliad, and then fell upon 'Odyssey'. I fancied that Ulysses must have been like my father.”⁶

Maria, em suas “reminiscências”, mostra zelo cuidadoso em seus registros, que destacam uma formação clássica. Por exemplo, menciona os tradutores para o inglês das versões que teve em mãos: John Dryden (1631-1700), tradutor de Virgílio — “Adventures of Æneas and Dido’ in Dryden’s Virgil” — e Alexander Pope (1688-1744), responsável pelas versões de Homero — “Pope’s Homer’s *Iliad*”.

Os livros garantiam a Maria a ampliação do inexorável movimento de auto-educação. E recorda que se beneficiou enormemente da estratégia deliberada de sua escola em deixar os livros, como se fossem proibidos, ao acesso das alunas. A leitura transformava-se, assim, em prazer individual e solitário, fornecendo à criança o acesso à fruição da educação enquanto auto-descoberta. O processo de educação resulta, portanto, de uma opção, uma conquista do indivíduo, na sua obsessão por ser singular e único. Caso tivera uma menina para educar, Maria comenta, repetiria a mesma modalidade de educação que recebera:

“I am sure that if I had a girl to educate I should turn her and her books loose together in the same way, for I am very grateful to those who, in my own instance, pursued this plan. It gave me a habit of using whatever opportunity of improvement fell in my way, and as the books were not my own, I was obliged to think patiently about what I read, lest it should escape me beyond recovery.”⁷

E o aprendizado sobre plantas, flores, o mundo da natureza, também complementava o processo de cultivo de Maria, preparando-a para os futuros encantamentos de suas viagens pelo mundo. Lembra em suas memórias o deleite que sentiu frente à beleza do lago Katrine na Escócia, *before Walter Scott's muse made it familiar at the teatables of England*⁸. Uma conjunção de emoções que voltou a experimentar anos mais tarde na visão extática do

⁶ *Idem*, p. 39.

⁷ *Idem*, p. 44.

⁸ *Idem* p. 84.

entorno da baía na chegada ao Rio de Janeiro em 1821 — “a cena mais encantadora que a imaginação pode conceber.”⁹ Ainda criança, demonstrou especial conhecimento de geografia, chegando a ensinar a disciplina aos dez anos na escola que freqüentava. A geografia alargava sua curiosidade e fascinação por regiões distantes e preanunciava o futuro deleite das viagens que fez, primeiro com seu pai e depois com seu primeiro marido. Durante os últimos anos de vida, enquanto ditava suas memórias, Maria refletia, com indignação, sobre as diferenças entre a educação de meninas e meninos. Quando jovem desejou dividir o universo privilegiado dos rapazes, que tinham acesso a uma educação que considerava superior. Maria, em momentos distintos de sua narrativa, comenta com revolta o destino inescapável da domesticidade para a mulher, o que a confinava a uma instrução inferior.

"Loving literature as I did, I considered that the great difference between men and women was that of education, that men were secured, as it were, in classical instruction, which I envied excessively; and it never entered into my mind that such as had the same pursuits, and lived among the same things, were not free to converse like brother and sister on the objects of common interest."¹⁰

E Maria deixa evidente sua inveja do mundo masculino, revela o seu desagrado com a diferença entre os sexos e a pretensa superioridade masculina, condições das quais procurou escapar ao longo de sua vida. Essa veia feminista tendeu a ser aplacada, entretanto, quando os seus olhos se voltavam para a realidade. Em seu diário de viagem sobre o Brasil, ao comentar as vidas de mulheres em regiões como o Brasil, uma cumplicidade era forjada com seus conterrâneos e que resultava no esboço de uma imagem negativa da mulher dos trópicos, com traços que realçavam um ser mergulhado no “atraso”

⁹ Maria Graham. *Diário de uma Viagem ao Brasil e de uma estadia nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1990, p.195.

¹⁰ Rosamund Brunel Gotch, *op.cit.*, p. 83.

e na “selvajaria”. A complexidade feminina era então abandonada em prol de uma visão superior, européia, em que homens e mulheres civilizados formavam uma irmandade¹¹.

O interesse e o prazer pela literatura proporcionam uma perspectiva de independência e a chance de experimentar a liberdade fora do mundo fechado do lar burguês. A irritação e o desconforto tendem, entretanto, mais uma vez a crescer ao enfrentar o preconceito frente à possibilidade de pura troca intelectual entre mulher e homem, relação que logo transforma a sedução física na única moeda de convívio entre os sexos. Maria tece uma crítica à sociedade inglesa de sua época, que segrega homens e mulheres. O seu desejo de fruição intelectual a distancia do universo da fofoca e tagarelice, associado a uma representação corrente de mulher.

"I was truly surprized and unaffectedly indignant when certain gossips, male and female, discovered in me a spirit of flirtation when I was only seeking for knowledge."¹²

Uma posição feminista é construída no relato pessoal na busca de definir e defender um ideal de indivíduo universal e abstrato que ultrapasse as diferenças de sexo.

Maria oferece um exemplo da configuração de subjetividade que se tornou dominante na modernidade, uma epifania do eu na procura insaciável de si mesmo. A recuperação dos fios de uma infância distante, por uma Maria Dundas, Graham e Calcott doente e presa ao leito, nos últimos anos que antecederam sua morte, mostra a compulsão de organizar o enorme quebra cabeças da vida em que atribui sentido e destaque à singularidade e autonomia femininas.

¹¹ Veja, a seguir, o comentário sobre mulheres brasileiras retirado do *Diário de uma Viagem ao Brasil, op.cit.*, p. 168: "Como não usam nem coletes, nem espartilhos, o corpo torna-se quase indecentemente desalinhado, logo após a primeira juventude; e isto é tanto mais *repugnante* quanto elas se vestem de modo muito ligeiro, não usam lenços ao pescoço e raramente os vestidos têm qualquer manga. Depois, neste clima quente, é *desagradável* ver escuros algodões e outros tecidos, sem roupa branca, diretamente sobre a pele, o cabelo preto mal penteado e desgrenhado, amarrado inconvenientemente, ou, ainda pior, em papelotes, e a pessoa toda com a aparência de não ter tomado banho"

¹² Rosamund Brunel Gotch, *op.cit.*, p.84